

## O USO DE VÍDEOS NA INTERNET COMO BRECHAS PARA PENSAR O DESCOMPASSO E O DESTEMPO NA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ

### *THE USE OF ONLINE VIDEOS AS GAPS TO THINK THE MISMATCHES AND 'DESTEMPO' AT COMMUNICATION AND EDUCATION: THE EXPERIENCE OF THE STUDENTS OF COLEGIO ESTADUAL DO PARANÁ*

Patrícia Goedert Melo\*

Myrian Del Vecchio de Lima\*\*

Regiane Regina Ribeiro\*\*\*

#### **RESUMO:**

A proposta deste artigo é analisar como as tecnologias digitais contribuíram para ressignificar identidades e para potencializar a representatividade dos alunos do Colégio Estadual do Paraná que participaram das manifestações dos professores da rede estadual de ensino durante a greve desta categoria, em 2015. O recorte da investigação teve como foco a apropriação da linguagem audiovisual pelos estudantes e sua interface com o universo tecnológico e com a escola. O estudo utilizou como recurso metodológico uma entrevista semiestruturada com um grupo de alunos e a base teórica tensionou conceitos de Martín-Barbero (2004 e 2014), Orozco Gómez (2006) e Stuart Hall (2014), como comunicação e educação, descompasso, destempo, reconhecimento e identidade. As considerações finais apontam a tecnologia como uma das trilhas para os novos modos de sentir e de aprender, potencializando, assim, a ressignificação das identidades desses jovens e suas representatividades por meio do reconhecimento, do pertencimento e das novas formas de relação professor e aluno.

\* Mestre em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). PARANÁ, Brasil. patigmelo@hotmail.com

\*\* Professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. PARANÁ, Brasil. myriamdel@gmail.com

\*\*\* Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCom/UFPR); doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. PARANÁ, Brasil. regianeribeiro5@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação e educação, identidade, internet.

**ABSTRACT:**

The proposal of this paper is to analyse how the digital technologies contributed to re-signify identities and potentialize the representativeness of the students of Colégio Estadual do Paraná who participated at the manifestations of teachers of the State teaching system during the strike of the category in 2015. The research focused on the appropriation of audiovisual language by the students and its interface with the technological universe and the school. The study used as methodological resource a semi-structured interview with a group of students and the theoretical basis brought together concepts from Martín-Barbero (2004 e 2014), Orozco Gómez (2006) e Stuart Hall (2014), such as communication and education, mismatches, “destempo”, recognition and identity. The final considerations points technology as one of the tracks to the new ways of feeling and learning, potentiating, therefore, the resignifying of identities of these young men and women and their representativities through recognition, belonging and new possibilities for the relation teacher-student.

**KEYWORDS:** communication and education, identity, internet.

## INTRODUÇÃO

No dia 29 de abril de 2015, Curitiba/PR sediou um fato histórico que repercutiu internacionalmente: o confronto entre professores da rede estadual de ensino e policiais militares, sob o comando do Governo Estadual. O fato foi compartilhado nas redes sociais digitais e recebeu atenção da imprensa paranaense, nacional e de outros países<sup>1</sup>. O episódio foi um dos acontecimentos que marcaram a greve dos professores, que durou aproximadamente três meses<sup>2</sup>.

Além dos docentes, um número expressivo de estudantes participou das manifestações. Fotos, vídeos e inserções na Internet foram recursos utilizados por esses grupos para comunicar que estavam presentes naquela ocasião, para expressar opiniões, para se reconhecerem como integrantes do movimento e para ressignificar suas identidades<sup>3</sup> no ambiente de greve e no espaço escolar.

Os alunos do Colégio Estadual do Paraná (CEP)<sup>4</sup>, organizados pelo grêmio estudantil, constituíram um desses grupos. Diariamente, os estudantes se mobilizavam para ir até o local de concentração da greve e realizavam diferentes ações, como rodas de

conversa, passeatas, palavras de ordem etc. É possível encontrar na Internet diferentes vídeos produzidos por esses alunos, ou nos quais eles apenas aparecem, fotos de suas participações e reportagens que os destacaram como fontes de informação.

Diante desse cenário associado à intensa participação dos alunos do Ensino Médio do CEP, tanto presencialmente quanto pelas redes sociais eletrônicas, este artigo teve como objetivo demonstrar de que forma as tecnologias digitais contribuíram para ressignificar as identidades desses jovens, especialmente em conexão com o ambiente escolar. A análise foi realizada a partir da interpretação da apropriação da linguagem audiovisual por parte dos alunos e sua interface com o universo tecnológico na ressignificação identitária e do espaço da escola.

A problemática não centralizou a questão no uso das tecnologias digitais como ferramentas, mas sim como tais tecnologias permearam o cotidiano dos alunos, especialmente no âmbito escolar. A partir disso, algumas questões nortearam o estudo: Quais foram os significados para esses jovens do uso e do compartilhamento de tais vídeos? A escola abriu espaço para que os estudantes narrassem suas histórias vividas durante as manifestações utilizando os vídeos como meio para relatar suas experiências? Como os alunos visualizam o papel das tecnologias para reforçar possíveis representatividades e ressignificar suas identidades?

Para tanto, conceitos como comunicação e educação, descompasso, destempo e identidade foram trabalhados, seguindo pressupostos teóricos de Martín-Barbero (2004 e 2014), Orozco Gómez (2006) e Stuart Hall (2014).

A investigação empírica baseou-se em uma entrevista realizada no dia 7 de agosto de 2015 com três estudantes do CEP, que serão identificados como Estudante 1 (E1), Estudante 2 (E2) e Estudante 3 (E3). A entrevista, que tem caráter exploratório, foi gravada e ocorreu dentro da sala do Grêmio Estudantil do Colégio Estadual do Paraná (GECEP) nas dependências da escola. As perguntas foram semiestruturadas e norteadas por um roteiro prévio, mas abertas às intervenções dos entrevistados.

O primeiro tópico do estudo tensiona as interfaces *comunicação* e *educação* por meio do debate sobre os conceitos de *descompasso* e *destempo*. A segunda seção apresenta como a tecnologia digital - neste caso os vídeos na Internet - contribui para a aproximação das interfaces examinadas. O terceiro tópico discute conceitos como identidade, reconhecimento e representatividade. Empiricamente, além de contextualizar trechos

da entrevista realizada, o artigo analisou um dos vídeos protagonizados pelos alunos - produzido pelos sujeitos da pesquisa um dia após o confronto de 29 de abril de 2015 e que obteve mais de 22 mil visualizações no *Facebook*. O conteúdo deste material dialoga com os conceitos trabalhados no texto, contribuindo, assim, para a análise interpretativa do conjunto examinado. Ao final, aborda-se a reorganização dos saberes e as novas possibilidades para o espaço escolar a partir do olhar da comunicação e do uso da tecnologia.

## DESCOMPASSO E DESTEMPO NA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Para tensionar a relação entre as interfaces comunicação e educação, o artigo debate conceitos como descompasso e destempo<sup>5</sup>. Um exemplo de descompasso, citado por Martín-Barbero (2004), são os modelos de comunicação existentes na educação, principalmente no tocante ao texto impresso e à imagem (o sistema educativo reforça o regime do saber instituindo a comunicação do texto impresso e controlando a imagem ou, ao menos, desconfiando dela). Segundo o teórico, esse modelo é atuante e também intensificado, pois, ao colocar-se na defensiva, a escola se defasa de maneira acelerada em relação aos processos de comunicação que integram a sociedade.

Os resultados são atrasos que se cruzam e se reforçam, “convertendo a ruptura entre gerações num profundo conflito entre culturas”<sup>6</sup>. Pelo olhar do pensador, a escola reduz esse conflito “em um discurso de lamentações sobre a manipulação que os meios fazem da ingenuidade e da curiosidade das crianças, sobre a superficialidade, o conformismo e a rejeição ao esforço que inoculam nos jovens” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.338).

Para o teórico, a atitude defensiva da escola a leva a desconhecer, ou então a disfarçar, que a questão de cultura entre as gerações está no desafio que propõe um ecossistema comunicativo no qual o que demanda é outra forma de pensar e de aprender. “As transformações nos modos como circula o saber constitui uma das mais profundas mutações que uma sociedade pode sofrer” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.340). Essa diversificação do saber constitui um dos grandes desafios culturais que a comunicação apresenta à educação, concretizando-se na forma de descompassos entre os dois campos.

O segundo termo - destempo - é contextualizado por Orozco Gómez (2006). Para ele, as diversas mudanças socioculturais da sociedade supõem transformações de sedimentação de produção simbólica, que requerem seu próprio tempo de mudança. “O que

nesta direção estamos experimentando no âmbito da comunicação social, aliás, é uma série de destempos que correm atropeladamente ao longo da vida cotidiana” (OROZCO GÓMEZ, 2006, p.86).

Um exemplo dado pelo autor é o destempo que se manifesta entre o ecossistema comunicativo e a escola. Orozco Gómez compara a rotina da vida escolar, com seus horários e lugares determinados, com o cenário propiciado pelas tecnologias. “Voltada ao passado e resistente a olhar todo o presente, a escola (pública) atual vê ameaçada seu futuro e ‘explode’ diante do sempre presente midiático-informático, inovador e sem horários, fato possível pelas mais recentes tecnologias da informação” (OROZCO GÓMEZ, 2006, p.95). Mas o próprio autor lança uma pergunta que permite a reflexão sobre possibilidades da aproximação da escola com a comunicação, permeando a tecnologia como um caminho para os novos modos de saber, de sentir e de aprender:

Será que a tecnologia de fato nos permitirá modificar substancialmente as condições de produção de conhecimento que queremos, ou só nos facultará certas categorias de liberdade e criatividade maiores, mas sempre enquadrados em condições que não foram nem de nossa produção nem de nossa escolha? (OROZCO GÓMEZ, 2006, p.91)

Diante disso, a pesquisa desenvolvida para este artigo indica “brechas” que apresentem “compassos”, mesmo dentro do descompasso, e pontos de sincronia, mesmo com o destempo na comunicação e educação. Os vídeos protagonizados pelos alunos do CEP sobre sua participação durante a greve dos professores estaduais do Paraná em 2015 não representam apenas ferramentas de comunicação e de expressão. Pode-se afirmar, e vamos discutir isto adiante, que esses materiais, uma vez compartilhados nas redes sociais digitais, contribuíram decisivamente para a ressignificação do espaço escolar.

Tais vídeos podem ser entendidos, no contexto aqui apresentado, como brechas no interior do sistema educativo/comunicativo do Colégio Estadual do Paraná. Ou, o que Boaventura de Sousa Santos (2003) chama de “alternatividades” ao sistema hegemônico, representadas como “formas de resistência” a um padrão dominante.

A globalização contra-hegemônica é baseada na construção de cidadanias emancipatórias que articulam o local e o global por intermédio de redes e de coligações policêntricas. Se a salvaguarda do caráter emancipatório das lutas desencadeadas localmente exige que a direção e coordenação dessas lutas permaneça nas mãos daqueles que as protagonizam localmente, as alianças translocais e transnacionais, a criação de redes internacionais de informação e de solidariedade ativa são uma condição indispensável para evitar a particularização e limitação dessas lutas, e para evitar a afirmação e reprodução de hierarquia e

formas de dominação locais que subvertam o caráter emancipatório das lutas (SOUSA SANTOS, 2003, p.64-65).

Podemos chamar estas produções audiovisuais repercutidas em rede digital como “alternatividades comunicativas”, uma vez que criam espaços de participação democrática, de criação de conhecimentos emancipatórios e de promoção de trocas culturais. Mas existem outras alternativas - ou brechas - que também são práticas sociais cotidianas dos alunos do CEP. A mistura de linguagens como a audiovisual, a artística e a política é utilizada de maneira recorrente pelos estudantes para se expressarem. Fotos, vídeos, poesias, formação de coletivos, gritos de guerra, cartazes etc. atuam como formas de enfrentamento de hegemonias impostas por sistemas autoritários e/ou pouco democráticos, mas também servem para fortalecer suas identidades e construir alternativas de uma comunicação participativa nos processos de educação.

## **BRECHAS, CAMINHOS E POSSIBILIDADES**

Ao potencializar elementos como reconhecimento e identidade, a tecnicidade midiática utilizada pelos sujeitos desta pesquisa serviu como dimensão estratégica da comunicação na cultura. Essa dimensão foi ressignificada para além da escola, ganhando outros sentidos, embora tenha gerado reverberações especialmente dentro do espaço escolar.

A investigação dialoga com um dos pensamentos de Martín-Barbero (2004), que afirma que é a partir deste cenário - da tecnicidade midiática percebida como cultura - “que a escola pode inserir-se nos processos de mudanças que atravessam nossa sociedade e interatuar com os campos de experiência em que hoje se processam as mudanças” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.351). O autor cita a desterritorialização/relocalização das identidades e a reorganização dos saberes, ou seja, a ressignificação do espaço fixo da escola em detrimento do contato com o que está fora dela - pontos abordados no decorrer do artigo.

Uma vez representados e reconhecidos pelo movimento grevista, tendo como apoio para isso o uso da imagem por meio dos vídeos e da Internet, os alunos também passaram a se sentir reconhecidos pela própria escola. Neste contexto, o descompasso e o destempo perderam força, permitindo a construção de novas relações e novos aprendizados no ambiente escolar.

Outro exemplo deste sentido de comunicação como elemento para a organização não apenas objetiva, mas também subjetiva dos sujeitos, foi a criação de comissões por parte dos alunos do CEP durante o episódio em estudo. Antes dos vídeos circularem pela Internet, os jovens se organizaram para participar da greve de maneira que se sentissem representados e atuantes. O grêmio estudantil organizou comissões - Segurança, Comida, Água, Entretenimento e Comunicação -, sendo que cada grupo de estudantes desempenhava uma tarefa. Segundo um dos alunos que integrava o GECEP, o objetivo para a criação desses grupos era que

*“todo mundo participasse de alguma comissão pra se sentir parte. Todos os dias a galera chegava aqui [escola] às nove da manhã e a gente saía às dez e meia. Todo dia tinha que ter gente fazendo coisas e a gente conseguiu. As pessoas precisavam fazer parte disso, construir junto” (E1).*

Neste conjunto de ações, o artigo destaca a comissão da Comunicação - responsável em fazer o registro fotográfico do processo, ter acesso aos informes da APP-Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná e repassar as principais informações para o restante dos alunos, divulgar os acontecimentos nas redes sociais, conversar internamente com os membros do grêmio para elaborar a opinião que seria repassada ao público em caso de entrevistas para a imprensa etc. A criação dessas comissões, em especial a da Comunicação, indica alguns caminhos para avançar na perspectiva da comunicação como processo social e cultural, incluindo as interações entre os sujeitos sociais como campo de estudo.

Este entendimento ajuda a pensar a mediação<sup>7</sup> tecnológica da comunicação não mais como instrumento, e sim convertida em estrutura da cultura na sociedade. “Pois a *tecnologia* (grifos do autor) remete hoje não só, e nem tanto, à novidade dos aparatos, mas também a novos modos de *percepção* e de *linguagem* (grifos do autor), a novas sensibilidades e escrituras” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.25). Portanto, a linguagem audiovisual inserida no meio digital colabora para essas percepções e sensibilidades uma vez que aponta para a constituição de uma visibilidade cultural.

Essa potencialização da linguagem, provida pela tecnicidade diferenciada, também mobiliza a imaginação social das coletividades e a ideia da identidade narrativa. “Isto é, de que toda identidade se gera e se constitui no ato de narrar-se com história, no processo e na prática de *contar-se aos outros* (grifos do autor)” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.20). De acordo com o relato dos alunos, quando produziam os vídeos, ou se

percebiam em outros materiais audiovisuais que circularam pela Internet, eles ressignificavam suas identidades narrando suas histórias pessoais no âmbito do coletivo, a partir do momento que contavam aos outros seus pontos de vista sobre a greve.

*“A gente levou 200 pessoas, mas perto de 5 mil não fazia cócegas. Tivemos uma repercussão de boca a boca pela internet muito grande. Mas o pessoal precisava ter uma noção mais ou menos do que tinha acontecido lá. E os vídeos eram esse recurso” (E1).*

*“Depois que passou a greve e eu me via no vídeo com a voz rouca de tanto gritar eu pensava, ‘meu, valeu muito a pena’. A gente cresceu muito aqui dentro [colégio], uma galera conseguiu se ligar em muita coisa também. E os vídeos e as redes sociais fizeram, com certeza, com que a gente conseguisse isso” (E3).*

Esses trechos simbolizam que, “para sermos reconhecidos pelos outros é indispensável contar nosso relato, já que a narração não é só expressiva, mas também constitutiva do que somos tanto individual como coletivamente” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.20). Assim, ao contribuir com a potencialização das capacidades de associação e de coletividade dos estudantes, as tecnologias - em especial o vídeo e a Internet - expressaram a criatividade, o protagonismo e o posicionamento desses jovens em meio a um acontecimento de repercussão internacional, constituindo-se como brechas diante de um sistema permeado por uma visão político-social e administrativa hegemônica, que valoriza a educação pública apenas nos discursos sem uma correspondente valorização material e prática. Simultaneamente, tais brechas permitem a participação de alunos como sujeitos de sua comunidade, responsáveis por escolhas, ações e consequências que repercutem no cotidiano escolar.

## IDENTIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTATIVIDADE

A questão da visibilidade ligada ao reconhecimento é debatida por Orozco Gómez (2006) quando o autor aborda o destempo e as mudanças de época. Para ele, um dos fenômenos característicos dessa transformação é a centralidade no reconhecimento, “possível graças à tecnologia midiática que permite ter visibilidade em telas e que cada vez mais se torna sinônimo dela” (OROZCO GÓMEZ, 2006, p.93). Os movimentos sociais reivindicatórios são exemplos citados pelo teórico para apresentar a busca pelo reconhecimento em suas singularidades, expressadas audiovisualmente.

Ter acesso ao microfone e à câmera de vídeo transforma-se em objetivo primordial para os movimentos e as organizações sociais que preconizam o acesso à Internet, a divulgação em *websites* e a aceitação nos *chats* como estratégias imprescindíveis de reconhecimento dos

sujeitos-audiência em seu trânsito para se tornarem sujeitos-rede (OROZCO GÓMEZ, 2006, p.94).

A participação dos alunos do CEP durante a greve dos professores está articulada a esta lógica do reconhecimento por meio de um movimento social. A identidade singular desses jovens era expressa não como uma representação do aluno apoiando o educador, mas sim como uma luta que também era deles.

*“Alguns professores agradecem a gente por ter ajudado. Mas a gente não estava ali como um apêndice, pois a greve também era nossa. Já que era a luta de todo mundo, não podia ter gente ociosa, ninguém podia estar fazendo nada” (E1).*

Além disso, o sentido de coletividade era simbolizado por meio da imagem e do compartilhamento pela Internet.

*“Tinha que construir a ideia de que a gente é uma coletividade e tinha que construir uma história. Tem o lance ‘a gente’ e acho que a questão da greve com os vídeos é mais ou menos isso. Tem gente que não se machucou, que não tem uma ferida ou uma cicatriz, mas quando fala de ‘apanhou’ não é ‘eles apanharam’, e sim ‘a gente apanhou’. Só que não estava lá. E é o correto, porque entende que a história é uma só” (E1).*

De acordo com Martín-Barbero, o que reativa as identidades como motor de luta é inseparável da “demanda de reconhecimento e de sentido” (2014, p.24). Para contar suas histórias, os alunos do CEP usavam algumas estratégias representacionais em suas narrativas, como o uso do uniforme do colégio. Em grande parte das passeatas, e consequentemente nos vídeos, os jovens apareciam vestidos de camiseta e calça da instituição. Além do uniforme, palavras de ordem, cartazes e o próprio discurso dos estudantes serviram como base de representatividade para a identidade, o reconhecimento e o pertencimento.

*“Usar o uniforme foi um jeito de organização e também de mostrar que eramos estudantes ali. Às vezes, a gente chegava lá [local das manifestações] e já tinha aluno do colégio. O povo via a gente dobrando a esquina e já ia somando, porque via aquela galera de calça azul e já via quem era. Acho que o CEP tem muito disso, os alunos têm orgulho de estudar aqui e a gente sente isso todos os dias” (E3).*

Essa linha de investigação converge com o pensamento de Hall (2014b), que afirma que a identidade significa o ponto de encontro entre os discursos e as práticas que convocam os indivíduos para que assumam seus lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares. “As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeitos

que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 2014b, p.112). Essa identidade gera representação, que é examinada a partir da relação entre cultura e significados.

*“Os vídeos serviam pra gente se identificar dentro daquilo que a gente estava fazendo. Você chegar em (sic) casa e estar na sua timeline, várias vezes, a foto daquele grupo que você estava e que foi você quem começou. E o legal era que a galera não via a gente como a frente do movimento, pois todos se sentiam o movimento. Todo mundo tinha um motivo pra estar ali. Os vídeos e o reconhecimento da mídia e dos professores fizeram com que desse um gás pra galera continuar e, mesmo cansada, estar ali no outro dia” (E3).*

O uso do uniforme do CEP foi um dos símbolos que expressaram a representatividade dos alunos. Entretanto, esse uso não foi significativo somente no local da concentração da greve e com as pessoas que estavam lá presentes. Com a Internet, sujeitos de outros espaços e lugares também associavam a imagem desses jovens ao Colégio Estadual do Paraná e ao papel que eles exerciam no movimento, o de estudantes. *“Vários professores vieram gravar vídeos com a gente pra passar dentro do colégio deles pra tentar mobilizar outros alunos” (E2).* Ainda segundo os estudantes do CEP, educadores de outros estados comentaram *posts* publicados nas redes sociais e muitos vídeos alcançaram mais de 15 mil visualizações.

As redes sociais informáticas transformam a relação dos sujeitos com o espaço e com o lugar, pois, nas palavras de Orozco Gómez, *“mobilizam figuras de um saber que escapam à razão dualista com que estamos habituados a pensar a técnica, pois se trata ao mesmo tempo de movimentos que são de integração e de exclusão, de desterritorialização e realocização” (OROZCO GÓMEZ, 2006, p.83).*

Essas novas possibilidades têm consonância com a coletividade, com a identidade e com a representatividade - e a comunicação está presente nesse processo. O vídeo produzido pelos alunos do CEP<sup>8</sup> um dia após o confronto dos membros do movimento grevista com os policiais militares foi analisado para este artigo dentro deste contexto. O material consiste em depoimentos de estudantes que estiveram presentes no confronto do dia 29 de abril, sendo que alguns deles se feriram durante o episódio. O vídeo se inicia com os jovens informando seus nomes e, logo na sequência, respondem à pergunta: o que você quer ser quando crescer? Tradutor, contador, socióloga e professora são algumas das respostas. O presidente do GECEP na época, Felipe Perez, explicou o objetivo do vídeo:

*“Eu queria gravar alguma coisa que as pessoas dissessem o que queriam ser quando crescer para mostrar que, quem apanhou, foram futuros sociólogos, tradutores, contadores e professores. Eu fiquei com aquilo na cabeça e queria dizer: ‘cara, você surrou um tradutor’. Por que surrar um tradutor? Ele cortou a testa de um futuro contador. O Ícaro [aluno que cortou a testa] quer ser contador, não que ser revolucionário. A gente não quer revolução armada. A gente só quer estudar e trabalhar. A questão era essa. E aí a gente queria deixar isso claro com esse vídeo” (FELIPE PEREZ).*

Martín-Barbero (2014) afirma que é no coletivo, em especial, que está a possibilidade de as pessoas serem levadas em consideração e que é a capacidade dos relatos que vão dar conta da tensão entre o que somos e o que queremos ser. O vídeo continua com os alunos contando o que viveram no dia do confronto, suas impressões e sentimentos.

*“Teve um momento que eu estava com o rosto todo ensanguentado por causa da bomba que explodiu perto de mim e aí eu olhei para o policial e disse para ele: ‘cara eu poderia ser seu filho’. Sou menor de idade e estava lá lutando pelos meus direitos e eu poderia ser filho dele. Ele cruzou os braços e olhou pra baixo. E é nesse momento que a gente percebe que muitos policiais não queriam estar lá, que se sentiam mal em ter que cumprir ordens abusivas como essas” (ÍCARO MOURA).<sup>9</sup>*

A ressignificação de suas identidades e a busca pelo reconhecimento dos alunos mobilizados foram potencializadas pelo alcance possibilitado pela Internet para este material audiovisual e para todos os outros vídeos protagonizados pelos estudantes que circularam na rede digital. Mas a identidade e o reconhecimento desses jovens também foram fortalecidos dentro do ambiente escolar, resultando em sentimento de pertencimento à escola, em novas relações com os professores e com a direção de ensino e em uma reorganização dos saberes.

## REORGANIZAÇÃO DOS SABERES

Depois da greve, segundo os alunos entrevistados, a relação com os professores mudou. *“Começaram a enxergar os alunos como companheiros. Eu e meu professor de História apanhamos juntos, um levou bala de borracha e o outro bomba” (E1).* Esse companheirismo não ocorreu apenas devido ao fato de apanharem juntos. A comunicação, permeando a cultura da escola, também fez parte desse processo.

*“Era muito legal quando a gente estava chegando na (sic) concentração, os professores realmente abriam o caminho, todo mundo pegava o celular e filmava e aí eu entrava à noite no Facebook e estava lá, todos os professores postando fotos, tipo ‘os alunos do colégio que eu dou aula’. Eles terem orgulho de falar isso foi muito importante pra gente. E isso foi uma*

*coisa que ajudou muito a galera que estava indo pra se identificar com o movimento, que notou que era importante para aquilo ali estar acontecendo. E cada um tinha um papel pra cumprir e cada um sabia o que estava fazendo ali e o papel que estava desempenhando” (E3).*

Logo depois do fim do primeiro período de greve, os integrantes do grêmio realizaram “aulões” com todos os alunos do Colégio Estadual do Paraná, reunindo quatro turmas por vez no auditório da escola durante as duas últimas aulas. Integrantes do GECEP discursavam para as turmas assim como os professores e a direção, mas, além da oralidade, a linguagem audiovisual também servia como mecanismo para contar e mostrar o que estava acontecendo.

O uso dos vídeos como recurso para narrar as histórias da mobilização para a greve aos demais alunos do CEP continuou durante o segundo período do movimento e depois do dia 29 de abril. Outras maneiras de comunicar o que havia acontecido também foram colocadas em prática pelo grêmio em parceria com a direção, como um mural com fotos de pessoas que se feriram neste episódio exposto na recepção do colégio.

É importante frisar, entretanto, que diferente do cenário aqui detalhado, o sistema educativo tem, muitas vezes, uma atitude defensiva com relação ao protagonismo dos alunos e à linguagem audiovisual. Essas mudanças educativas provocadas pelas mídias e pelas novas tecnologias geram incertezas no sistema educativo. Para Orozco Gómez (2006), talvez a questão da autoridade seja a mais importante dessas mudanças.

As instituições educativas acabam por não compreender a magnitude da mudança e insistem teimosamente em continuar com uma visão reducionista que só repara no aspecto instrumental, tanto de mídias quanto de tecnologias. Não é equipar de máquinas as escolas a única alternativa para abreviar o desafio. (...) Na verdade, debater e repensar os motivos da educação e da comunicação em uma grande mudança de época como a atual é o que necessitamos continuar fazendo (OROZCO GÓMEZ, 2006, p.97).

Pelas palavras de um dos alunos, citadas abaixo, essa distância ou barreira se reduziu em algumas ocasiões após a greve, ilustrando, na prática, a “descentralização do saber”:

*“O fato dos professores começarem a tratar a gente bem é pelo entendimento de que pelo menos na rua é tudo igual, não tem essa que se você é professor tem uma hierarquia maior. A gente estava lá [confronto] junto. Meu professor e eu na rua valemos a mesma coisa.*

*Então, dentro da sala de aula, com alguns professores a relação começou a ser essa, que eu e meu professor valíamos a mesma coisa. A gente é capaz de fazer o mesmo debate” (E1).*

Com isso, a reflexão proposta por este artigo trouxe para o debate os desafios colocados por um ecossistema comunicativo, acompanhado de culturas comunicacionais que, muitas vezes, ainda não estão interiorizadas pela escola - apesar de já fazerem parte do cotidiano dos jovens. Diferentes modos de ver a realidade, de ler, de pensar e de sentir são expressos pela comunicação, transformando e reorganizando os saberes. No entanto, não apenas os saberes inerentes ao processo de ensino-aprendizagem, mas também aos saberes ligados à cidadania, à participação, ao reconhecimento e à construção identitária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como as tecnologias digitais estão presentes no cotidiano dos jovens e como elas podem contribuir para a resignificação do espaço escolar serviu de eixo para este artigo. Para tanto, a análise se concentrou no envolvimento dos alunos do Colégio Estadual do Paraná com a greve dos professores da rede estadual de ensino, realizada no primeiro semestre de 2015. A participação desses estudantes foi marcada tanto por sua presença física nas manifestações quanto por variadas inserções na Internet, especialmente pelos compartilhamentos de vídeos por eles protagonizados.

A investigação analisou a apropriação da linguagem audiovisual por parte dos estudantes e sua interface com o contexto tecnológico e com o espaço escolar. Reconhecimento, representatividade, relação professor e aluno e identidade narrativa foram apontamentos contextualizados para tensionar a interface comunicação e educação e suas possibilidades para a construção de novos saberes.

A interpretação dos conteúdos da entrevista realizada com os alunos conseguiu, por meio de suas falas transcritas no artigo, trazer a empiria para dialogar com os conceitos teóricos. Situações e experiências vividas pelos estudantes ilustraram brechas que permitem visualizar a aproximação da escola com a comunicação. Neste ponto foi possível incluir a discussão da tecnologia como uma das trilhas para os novos modos de sentir e de aprender, potencializando, assim, a resignificação das identidades desses jovens e suas representatividades.

Os vídeos que circularam na Internet em que os alunos do CEP eram os protagonistas serviram para que eles se sentissem representados e pertencentes não só ao movimento grevista, mas ao próprio ambiente escolar. Tais vídeos não serviram apenas para a construção de novas relações simbólicas e de novos aprendizados, mas também para a criação de espaços participativos e de resistência. Essas brechas, consolidadas pelos alunos por meio da comunicação (seja midiática, artística ou política), são perceptíveis em vários momentos sem que, necessariamente, estejam atreladas ao aparato tecnológico.

Além das comissões e das rodas de conversa, citadas no artigo, que ocorriam no local de concentração da manifestação em prol à greve dos professores, outras formas de comunicação ligadas à representatividade foram criadas dentro da escola. Encontros de coletivos, que têm como objetivo discutir temas como redução da maioria penal, movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), desmilitarização da polícia, política etc., se iniciaram durante a greve e ainda acontecem no espaço do CEP. Rodas de violão e “rodinhas” para aprender a confeccionar pulseirinhas de macramê também foram alternativas encontradas pelos alunos para comunicar seus pontos de vista, para marcar presença no movimento e para construir laços sociais e culturais com os demais envolvidos com o movimento grevista, particularmente com os alunos: *“Essas rodas serviram como símbolos. Acho que, quem esteve lá, tem as rodas e as pulseirinhas como lembranças do que aconteceu”* (E1).

Esses exemplos elucidam outras maneiras de compreender a comunicação inerente à cultura e dialogam com problematizações trabalhadas no artigo. A música e a pulseira de macramê, uma vez destacadas como símbolos de participação dos alunos durante as manifestações, demonstram a possibilidade de brechas que ligam o universo escolar com as diferentes formas de se comunicar, inserindo os processos de mudança que atravessam a sociedade nas tramas da escola. Assim, o descompasso diminui seus passos e o destempo reduz sua velocidade, ressignificando sentidos e abrindo caminhos para olhar a comunicação como um processo social e cultural que constitui e organiza os sujeitos e seus cotidianos, inclusive no tocante à educação e ao saber.

## REFERÊNCIAS

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2014a.
- \_\_\_\_\_. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo** - Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Tradução de: GONZÁLES, Fidelina. Coleção Comunicação Contemporânea. 3 ed. São Paulo: Ed.Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações** - comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de: ALCIDES, Sérgio e POLITO, Ronald. 7 ed. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2013.

\_\_\_\_\_. Diversidade em convergência. In: **Revista Matrizes**. São Paulo/SP: v, 8, n.2, jul/dez. 2014, p. 15-33.

OROZCO GÓMEZ, G. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2006, p. 81 - 98.

PORTAL DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. Colégio Estadual do Paraná. Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=229>>. Acesso em 5 de agosto de 2015.

PORTAL GAZETA DO POVO. Sequelas da batalha do Centro Cívico. 2015. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/sequelas-da-batalha-do-centro-civico-7f8lfemmqs3vxa70fvpqjtlg> >. Acesso em 25 de julho de 2015.

SOUSA SANTOS, Boaventura (org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e URBAN, Ana Claudia. **Um registro do 29 de abril de 2015 para não esquecer**. Curitiba: Ed. W.A. Editores, 2015.

## NOTAS

- 1 O livro “Um registro do 29 de abril de 2015 para não esquecer”, organizado por Maria Auxiliadora Schmidt e Ana Claudia Urban (2015), reúne algumas notícias veiculadas pela imprensa nacional e internacional sobre este episódio, como as dos jornais *Le Monde* (França), *El País* (Espanha), *New York Times* (Estados Unidos), da *BBC* (Inglaterra) e *Deutsche Welle* (Alemanha).
- 2 O primeiro momento da greve ocorreu de 9 de fevereiro a 11 de março de 2015. Uma das reivindicações dos professores envolvia outros servidores estaduais: evitar a votação do “pacotão”, que propunha mudanças nos benefícios do funcionalismo público, o que resultou na ocupação do Plenário da Assembleia Legislativa do Paraná (Alep) no dia 10 de fevereiro. A segunda paralisação começou no dia 25 de abril em decorrência, principalmente, do retorno desta votação pela Alep. Logo em seguida, no dia 29 de abril, ocorreu o confronto entre manifestantes e policiais militares. O fim da greve dos professores foi decretado no dia 9 de junho de 2015.
- 3 “A identidade [...] costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2014a, p.11).
- 4 O CEP atende cerca de 5 mil estudantes do Ensino Fundamental II ao Ensino Médio e é considerado o maior e o mais antigo colégio público do Paraná. A sede atual foi inaugurada no dia 29 de março de 1950, sendo que a instituição representa a continuidade do Lycêo de Corytiba, fundado em 1846. Disponível em <<http://www.cep.pr.gov.br/>>

[www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=229](http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=229)>. Acesso em 5 de agosto de 2015.

- 5 O conceito de “descompasso” é abordado a partir do olhar de Martín-Barbero (2004) e o de “destempo” é tensionado com base nas ideias de Orozco Gómez (2006). Ambos apresentam críticas à educação, especialmente em sua relação com a comunicação e com a tecnologia. No entanto, além da situação apresentada neste artigo que envolve o Colégio Estadual do Paraná, outras experiências escolares, embora sejam minoria, rompem com alguns padrões colocados por esses autores: “Nas ondas do rádio” (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo), “Papa Informa” (Escola Municipal Papa João XXIII/Curitiba), “Idade Mídia” (Colégio Bandeirantes/São Paulo), “Viração” (ONG Viração/São Paulo), ONG Ciranda (Curitiba) etc.
- 6 Martín-Barbero cita a antropóloga Margaret Mead, que define três tipos de cultura - conceitualização relacionada à questão das gerações. A pós-figurativa como aquela na qual o passado dos adultos é o futuro de cada nova geração. A configurativa é a cultura na qual o comportamento dos jovens poderá definir em alguns aspectos o de seus avós e pais. E a cultura pré-figurativa é “aquela em que os pares substituem os pais instaurando uma ruptura generacional que é a que vivemos hoje, pois aponta não só uma mudança de antigos conteúdos em novas formas, ou vice-versa, mas também uma mudança na natureza do processo (...) remete a um aprendizado fundado menos na dependência dos adultos que na própria exploração que os jovens habitantes do novo mundo tecnocultural fazem da visão, da audição, do tato ou da velocidade” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.333-334).
- 7 De acordo com Martín-Barbero (2013), as mediações são os lugares entre a produção e a recepção da mensagem onde a cultura cotidiana se realiza, ressignificando as construções culturais e simbólicas e reelaborando o sentido social.
- 8 Disponível em < <https://www.facebook.com/TaacianeGrassi/videos/990107387666376/?pnref=story> > Acesso em 15 de julho de 2015.
- 9 O aluno Ícaro Moura foi identificado na citação retirada do vídeo porque seu nome e seu rosto vieram a público com as reportagens veiculadas pela imprensa. Uma delas foi divulgada pelo jornal *Gazeta do Povo*: “Sequelas da batalha do Centro Cívico”, publicada no dia 10 de maio de 2015. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/sequelas-da-batalha-do-centro-civico-7f8lfemmqs3vxa70fvpqjtlg> >. Acesso em 25 de julho de 2015. As fotos dos ferimentos deste aluno também foram veiculadas pelos portais de outros estados do Brasil e em portais internacionais.

Artigo submetido em: 27 de abril de 2016.

Artigo aceito em: 27 de janeiro de 2017.